

Brasil e EUA: Parcerias Ampliadas*

*Mario Garnero***

31 de Julho de 2008 - Se os Presidentes Bush e Lula não tivessem tido tão boas relações pessoais, iniciadas no dia após a eleição do presidente brasileiro, ambos os países teriam tido maiores dificuldades não só no relacionamento entre si mesmos como também e em atravessar um período acentuado de mutações políticas e ideológicas no continente.

De todos os altos e baixos a posição brasileira foi de harmonização de conflitos, de manutenção de diálogos e viu coroada uma estratégia de liderar sem imposições, de guiar sem pretensões de hegemonia e de ser sempre o algodão entre cristais na difícil irmandade das Américas.

Entramos agora em um período de pré-mudança de guarda na Casa Branca. Penso que qualquer dentre os candidatos, Obama ou McCain, que eleito for terá de voltar-se ainda mais para um continente que é auto-suficiente e celeiro do planeta e grande ator no mundo da energia, não só a tradicional mas também e em especial a renovável.

Um paralelo feito oito anos após o Presidente Bush ter assumido, o Brasil passou por uma cirurgia plástica que iniciada no governo de FHC foi com todos os méritos aprofundada e cristalizada com o Presidente Lula. Eis alguns números interessantes:

"Em tamanhos de economia o Brasil em 2000 produzia em US\$ 1,09 trilhões e em final deste ano US\$ 1,82 trilhões; os EUA devem fechar o ano em US\$ 14,0 trilhões. Em 2000 eram US\$ 11,5 trilhões" A dívida externa brasileira de US\$ 190 bilhões em 2000 neste período transformou-se em crédito externo de +/- US\$10 bilhões, e a dívida interna reduzida de 57% do PNB para 38% este ano. Inflação deste ano ao redor de 5,6% contra em 2000, uma inflação de 9,81% anualizada. Estoques de petróleo no Brasil que saíram de 7,367 bilhões para mais de 80 bilhões neste ano. E exportações de US\$50 bilhões passando agora a US\$190 bilhões e déficit da balança comercial de (US\$697 milhões) em 2000 para um saldo de US\$ 30 bilhões em 2008. Finalmente dólar a R\$ 1,97 e hoje a R\$1,57 por dólar. Creio que estes resultados mostram a solidez da economia brasileira, erradicada de vez a inflação.

De fato, os indicadores econômicos mostram a curva ascendente que coloca o nosso país como a sétima economia mundial e traduz-se pelo que diz o suplemento do "Financial Times" desta semana que o nosso país está no limiar de alcançar o status de grande potência.

Com gargalos em legislações atrasadas e de antes do fim da guerra mundial e com infraestrutura muito deficiente, mas com uma crescente acumulação de capital interno, ajudado por US\$ 40 bilhões de investimentos diretos, o Brasil tem todas as condições de em 10 anos estar pari-passu com os países mais desenvolvidos na ocupação consciente e sustentável do território. Mas seremos um país que em cinco anos estará exportando US\$ 300 bilhões.

Tudo isto para dizer que a chamada crise americana teve e tem características específicas e que não caracterizava uma recessão, mas antes uma retração forte e continuada, a ser superada

depois de um período mais ou menos largo de ajustes. Veremos ainda mais dois anos de dificuldades no início do mandato do novo presidente norte-americano.

Com efeito, no início deste ano, havia um certo sentimento de pânico da parte de economistas, investidores do mercado financeiro, empresários e políticos, com relação à possibilidade de uma recessão profunda nos EUA. Com Marcelle Chauvet éramos dos poucos que mantinham uma posição mais serena. Ao analisar o modelo estatístico que ela desenvolveu, o qual gera, em tempo real, probabilidades de recessão na economia americana, a indicação era de uma desaceleração econômica, mas não de uma recessão severa. Após atingir um pico no primeiro trimestre, as probabilidades de recessão nos EUA estão decrescendo, atingindo 25% em maio e a trajetória de queda deve continuar.

Porém, o momento é ainda delicado. Diversas vezes na história dos EUA desacelerações econômicas foram seguidas, meses depois, de uma recessão. A economia americana está enfraquecida. Mas o Federal Reserve tem atuado de forma eficiente para restabelecer o equilíbrio e a credibilidade do sistema financeiro. Se não houver pressões inflacionárias demasiadas para que haja uma elevação precipitada da taxa de juros, a economia americana poderá evitar uma recessão de fato nos próximos meses.

E o Brasil poderá beneficiar-se desta enfermidade passageira ampliando sua força na agricultura e na área energética tradicional, com suas novas reservas de petróleo que podem chegar a mais de 80 bilhões de barris.

Desejo realçar que desde o primeiro veículo a álcool produzido em série em 1980, o Brasil ascendeu à nova posição proeminente entre os maiores produtores mundiais de etanol produzido fora da cadeia alimentar. O esforço atualmente feito pelo Presidente Lula, o qual apoio integralmente, de transformar o etanol em commodity e eliminar os preconceitos que se elevam maldosamente contra a produção de etanol e biodiesel em nosso País e que certamente têm conotações mais profundas do que aquelas que são hoje invocadas. Temos de duramente enfrentar este desafio e ampliar a produção brasileira para além de 50 milhões de metros cúbicos nos próximos 10 anos e criar uma indústria de biodiesel altamente capacitada cuja matéria-prima seja o pinhão manso ou a jatrofa ou outras algas ou produtos naturais não competitivos com alimentos. Esta é a oportunidade que o Brasil não pode desperdiçar no setor energético.

Lembro que os Estados Unidos e o Brasil agora são dois pesos pesados mundiais na geopolítica, na economia e no desenvolvimento social e ambiental em busca de uma parceria mais equilibrada e dinâmica.

Assim, podemos ver que a futura administração americana - que deve ter guardado uma boa impressão do equilíbrio e da grandeza brasileiros, seja em termos de política internacional como na coerência de suas ações na área econômica - terá no Brasil sempre um leal amigo, mas um bravo adversário, como dizia John F. Kennedy, para apoiar aquilo que traz progresso e paz e para dizer francamente não àquilo que não seja do interesse nacional.

* Este artigo foi originalmente publicado no jornal *Gazeta Mercantil*, Caderno A – página 12, em 31 de julho de 2008.

** Mario Garnero é presidente do Fórum das Américas e do Grupo Brasilinvest.